

## Arquivo: a releitura de uma tradição em um olhar contemporâneo

Helenice Aparecida Carvalho Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma releitura sobre a forma de preservação dos ambientes de abrigar material histórico-social, os chamados arquivos públicos, a partir da leitura de alguns textos da obra “Arquivos Literários”, de Eneida Sousa e Wander Miranda (2003). O texto apresenta dados sobre o Arquivo Central da Universidade Federal do Pará e o (anexo) Centro de Memória da Amazônia como instituições que se propõem a um olhar contemporâneo sobre o ambiente do arquivo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Arquivo; Releitura; Tradição; Contemporaneidade.

### Introdução

A implantação do arquivo<sup>2</sup> em nosso país data de 1838 quando implantado pela Constituição de 1824. Cultivar documentos e outros registros mais populares ocorre pela necessidade de resguardar a memória tanto das instituições como das pessoas, desde que o homem fixou a escrita como recurso de registro. Para tanto, atualmente dispomos de uma variedade grande de informações e de recursos que podemos disponibilizar para todo o público que assim possa sentir necessidade de uso de informações do passado.

Sabemos que os arquivos primam pela sua organização revendo seus critérios de conservação e, mesmo, a sua finalidade. A partir do que colocamos, apresentamos este texto no sentido de perceber algum registro sobre formas mais interativas de promover o uso do arquivo. Entendemos que todo esse processo é parte do movimento de transformações ocorridas na sociedade. Transformações estas geradas pelas confluências de fatores políticos, históricos e sociais que fazem os acontecimentos humanos e naturais como guerras, movimentos entre classes, catástrofes, conflitos, mudanças políticas e outros.

Percebemos que um novo momento para a forma de uso do arquivo como espaço público, e não mais arquivo como um lugar isolado, sem interação e sem perspectivas de interação, está surgindo para o mundo contemporâneo. O cuidado de perceber o arquivo como ambiente ou sistema de informação exige que sua manutenção deva ser sempre considerada.

---

<sup>1</sup> Mestranda UFPA em “Linguagens e Saberes na Amazônia”, Campus Bragança/2011. [helenice\\_silva1@hotmail.com](mailto:helenice_silva1@hotmail.com)

<sup>2</sup> **Arquivo Público:** 02 /01 criado o Arquivo Público do Império, previsto na Constituição de 1824. Tinha por finalidade guardar os documentos públicos; organizado em três seções: Administrativa, responsável pelos documentos dos poderes Executivo e Moderador; Legislativa, incumbida da guarda dos documentos produzidos pelo Poder Legislativo e Histórica. Sua primeira sede situava-se no edifício do Ministério do Império, na rua da Guarda Velha, atual Treze de Maio, em São Paulo.

### Arquivo, tradição e releitura

No Dicionário Escolar (1970) a palavra arquivo significa “cartório, secretaria, lugar ou depósito onde se guardam documentos. Um lugar, um móvel, a isso destinado”. Quando pensamos em arquivo nos reportamos para textos como “Dizer o tempo” (Jeanne Marie, 1997), em que a autora aborda questões do tempo como aspecto psicológico, baseado no livro “As Confissões”, de Santo Agostinho. Arquivo também pode ser percebido por nós, como um sistema de informatização que concentra todos os registros de acontecimentos ocorrentes em um determinado lugar e momento histórico.

Em tempos não muito distantes, talvez alcançando uma média entre cinco e dez anos decorridos, quando pensávamos em arquivo, logo lembrávamos de museu. Lembrar museus nos fazia relacionar com os arcontes<sup>3</sup>, lugar de objetos protegidos, preservados. Com isso, não havia consultas aos materiais ditos guardados. Sem visitas, não haveria possibilidades nem necessidade de procura, de consulta em nenhum material de informação sobre os fatos e acontecimentos do passado. O que tínhamos era um público em geral, sem ao menos saber da existência de um ambiente que, embora abrigasse os registros de acontecimentos que faziam a História Social de um país, de uma cidade, não despertava interesse, pois não era permitido seu acesso a nenhuma forma de contato, o que poderia também ter gerado, em alguns casos, indiferença por parte do público presente.

Buscamos enfatizar a prática mediadora entre o espaço/ambiente e a sociedade como importância do trabalho numa relação indissociável entre a sociedade da informação e a relevância das fontes arquivísticas, como espaço e ambiente de pesquisa. Tem esse momento o registro paralelo do aspecto social inserido no contexto econômico, político e cultural, no qual o ser humano surge como fomentador do processo.

Entendemos o estudo sobre arquivo como um momento de discussão não apenas acadêmica, mas de âmbito geral, por ser uma questão de cidadania, entendida como ação cidadã, voltada para a promoção do espaço ou ambiente de pesquisa. Espaço esse pretendido como um sistema de informação, de guardador de memória. Dessa forma, entendemos a necessidade de perceber arquivo como algo que pode e deve fazer parte de uma sociedade que clama por um outro modelo de uso de registros de informações diferente do passado, mas, certamente, eficaz para a prática arquivista.

---

<sup>3</sup> Arconte: Grécia antiga; título dos membros de uma assembleia de nobres (Reis ou governantes) da Atenas, responsáveis pelos julgamentos dos crimes de homicídio premeditado, envenenamento e incêndio, entre outros. <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100512103925AASLprA> acessado em 2 de agosto de 2012.

A problemática do distanciamento entre arquivo/público torna-se maior quando entendemos que a sociedade não se vê constituída dessa valorização social, pois, como afirma Foucault

O arquivo é um sistema de discurso que encerra possibilidades enunciativas agrupadas em figuras distintas, compostas umas com as outras segundo relações múltiplas e mantidas ou não conforme regularidades específicas (Foucault *apud* Miranda, 2003. p. 36).

Os textos de arquivo constituem materiais de leitura vivos, fortes informativos de um tempo e de momento vivenciado por alguém, numa determinada época e de pertencimento de um lugar. O material de informação ou prática arquivista não existe em sua totalidade, pois consiste em um estudo fragmentado, particular, de valor diferencial para cada situação, o que Foucault denominou de *après-coup*<sup>4</sup>, “da perspectiva de uma temporalidade não linear” (ibden p. 36). Pensar em arquivo sim, mas com uma ideia de perceber seu aspecto fragmentado, não contínuo, e descritível com um diferencial específico para cada tempo que faz a história.

O arquivo é uma tradição de cultura, tradição da memória e, de forma mais atual e mais contemporânea, pensada por alguns especialistas como tradição de ação de recomposição de informações. Esta maneira tradicional de manutenção do arquivo está centrada em questões fechadas, pois, além de proporcionar maior comodidade aos seus guardiões, também é mais “confortável” por não oferecer nenhum tipo de movimentação e trabalho. A questão maior se dá quanto à ausência de disponibilidade do material e do acervo no contato com o público, o que implica a perda da informação e o processo de esquecimento que detém todo o material armazenado.

Sabemos que são muitas as variáveis que dificultam a relação de informação arquivada e o processo de visitação e pesquisa. De início, a falta de hábito em consultar e de ter contato com a informação ocorrida no passado (vindo de tempos históricos, e que ainda predomina) deve servir para gerar uma natural provocação para os tempos atuais e futuros. Arquivo não vivo, não visitado, memórias adormecidas, eternizadas, lugares sagrados, protegidos, abrigos, que resultava no apagamento gradativo de fatos sociais.

Percebemos com interesse o registro sobre o quase apagamento dos fatos que compõem a história, tanto social como de forma individual. Como sabemos muitos dos arquivos históricos ainda guardam parte da História de seus países, confinados ao ocultismo social, o que pode mais tarde, gerar o apagamento total de seu registro. Ou, quem sabe, continuar limitado aos poucos participantes dos fatos e da informação. O apagamento da memória, em alguns casos, pode ser até beneficiário para alguns que pretendem omitir a realidade dos fatos, quando não se

---

<sup>4</sup> *Après-coup*: tempo para compreender as coisas.

encontra nada que possa contar sobre os acontecimentos que marcaram a sociedade. Porém, nossa proposta não está em enveredar por esse ângulo de perdas sociais. Propomos esse momento de discussão apenas como um instante de percepção sobre o assunto.

Arquivo isolado, distante, tratado como um sistema imutável que tinha em sua prática a tradição da preservação sem a mediação de um público, era a forma mais comum mantida na maioria dos lugares no tratamento com a informação. As dificuldades de manuseio podem ser de vários aspectos e de intensidade profunda. Cada texto esquecido ou deixado de lado pode tornar-se um material de perda de um grande valor memorial e investigativo. Pensar em mudança de atitude no tratamento com a informação é acreditar na superação de dificuldades encontradas, na reversão das complexidades dos problemas de impasse. É também perceber uma iniciativa para a dinamização na relação público/sociedade e arquivo.

Dessa forma, o manuseio com o texto no ambiente do arquivo reconstitui a experiência de vida de cada lugar e de cada personagem que compõe estas histórias, tanto do ambiente em si (local do acontecimento) quanto de seus atores sociais.

A perspectiva maior da reelaboração do texto do arquivo ocorre-nos no sentido de fortalecer o nosso pensamento de tornar o ambiente ou qualquer outra forma de cenário de notícias e informações em uma dinâmica de troca de dados e de conhecimento. A força que emerge de um plano a outro, de preservação monótona à procura e visitação dinâmica, certamente   de extrema recompensa para ambos os lados. Nossa preocupa o inicial   o texto sem exposi o, sem essa rela o de intera o, voltado para a maneira técnica e ausente do tratamento dado aos arquivos de modo geral, sem a presença de um público que possa envolver ou despertar o ambiente do arquivo como um espaço interessante.

Atualmente, a rela o entre arquivo (lugar de memória, espaço ou sistema) e o público em geral (um possível visitante) está mudando. As perspectivas de trabalho, de uso em fun o de uma pesquisa e de um contato de intera o, podem ser visualizadas em algumas institui es que desenvolvem todo um processo de reestrutura o do ambiente, como   o caso do CMA-Centro de Memória da Amazônia,  rg o pertencente   Universidade Federal do Pará. Assim, qualquer pessoa   bem-vinda ao ambiente do arquivo. Jamais se imaginaria a possibilidade de um espaço de visita o interativa, em que o público teria acesso ao material de seu interesse sendo disponibilizado de forma contemplativa. Atualmente, o que temos   um lugar em trânsito. Visitantes, pesquisadores, estudiosos de modo geral, fazem todo um trabalho de cuidadores e promovedores da informa o.

O arquivo, de um lugar guardado por excelência ou um sistema feito para ser guardador, experimenta vivenciar um outro momento de transforma o, de transitar pessoas, documentos,

textos, fatos, ideias e de lugar de concentração de opiniões diversas, o que podemos ainda crer para ver, um ambiente vivo e dinâmico.

### **Rascunho: testemunho de uma ausência**

Outro ponto que nos faz considerar sua importância por entender que tem seu valor social para o arquivo é a necessidade de preservar os documentos de improvisos, que são os rascunhos. Percebemos no rascunho um registro casual de algo que possa preservar a memória de um artista ou de um fato relevante, e o pesar quando não encontramos nenhum registro social dessa parte da história. Rascunho entendido como pequenos grifos, de algo simples, que pode tornar-se uma troca de dados de interesse de uma comunidade. A falta de um rascunho implica a falta de um recurso memorável, de instrumento para o futuro no sentido de reconhecer com fidelidade a produção escrita sobre algo, que pode, necessariamente, ser de grande valor tanto para o artista como para o público em geral.

De outra forma temos ainda o registro de manuscritos (Sousa *apud* Lebrave, 2003), que apresenta o arquivo como forma de salvaguardar o que poderia ser chamado de testemunho de algo “confiável e completo” (p. 84). Os rabiscos pertencentes aos acervos poderiam ser percebidos como recursos de investigação para a crítica genética, pois seriam materiais de suma importância pertencentes a poetas e escritores em geral, políticos e demais personagens que fizeram a história. Neste contexto, fazemos referências sobre a crítica genética, apresentando um questionamento entre a necessidade de se ter um rascunho ou um arquivo criado: o manuscrito. Rascunho ou manuscrito, se entendermos o registro como algo de fácil e simples anotação, mas de cunho privativo e revelador, temos sem dúvida um material a ser investigado e que detém seu valor documental.

Tanto o rascunho como o manuscrito merecem ter seu reconhecimento social, pois, como os percebemos sérios e fiéis ao seu dono, tornam-se um produto a ser investigado. Para isso consideramos a crítica genética como instrumento funcional para atuar diante da situação como respaldo que ocasiona essa questão, tornando-a oficialmente validada. Para que serviria a crítica genética, se afinal ela não estivesse entre o início e o fim de uma produção de escrito? No início, como registro de seus primeiros grifos, dados de um texto que logo seria concluído com alguma nota ou não, tirada do começo da produção escrita. Assim, a crítica genética tem uma função diferenciadora de qualquer outra crítica com relação aos textos, pois, para Lebrave

A genética textual não se inscreve no mesmo espaço que a crítica dos textos e o manuscrito não é mais o princípio explicativo do texto. O texto não é o fim do

manuscrito propriamente dito, seu objetivo e sua finalidade. Eles são regidos por leis – enunciativas, discursivas, sociais – diferentes (LEBRAVE, 2003. p, 83).

Assim, temos em Lebrave a percepção sobre a dificuldade de se ter em mãos qualquer material que possa tornar-se um recurso memorável, além de não reconhecer toda uma fidelidade à produção do artista. O que vale para nós está na possibilidade de ter no manuscrito um material de produção própria no qual se coloca em questão a fidelidade do produto inicial e a produção final do texto. No espaço de nossa discussão, levando em consideração todas as variáveis das leis que regem os discursos, é importante perceber no manuscrito ou no rascunho, todo o seu valor documental que lhe cabe de direito. Valor de documento que foi escrito no início de uma produção com todo vigor, que sofreu alterações sobre sua própria substância de texto, mas que mantém seu valor de registro.

Queremos, de forma clara, perceber o uso do manuscrito como documento de valor social, por entendermos que, mesmo sofrendo várias alterações no interior de sua elaboração, ainda assim, o texto apresenta sua consistência de valor moral. Por mais que tenha sofrido alterações, o texto teve em seu início a consideração de uma forma e foi concluída com outra, ou talvez não. O importante para essa discussão é ter o registro em mãos desse momento, pois, em dias atuais, de acordo com a tecnologia, consideramos difícil a preservação desse tipo de registro, caso não seja do desejo de seu autor. Logo, entendemos que o texto iniciado por um rascunho dificilmente permanece até o fim da produção.

A discussão está em tornar válida a compreensão dos mecanismos de produção como movimento natural de uma escritura, procurando esclarecer o percurso de criação do escritor. Propomos um parêntese muito particular em que podemos ilustrar esse momento. Trata-se do registro dos vários rascunhos que pertenceram ao poeta Max Martins. É muito gratificante ter o material em mãos sobre a produção artesanal do artista, saber de sua forma de criar seus poemas, da catação e montagem de recursos do material de cada verso/poema como é o caso, para finalmente, dar como pronta sua produção poética. Propomos aqui o cuidado com a imagem “pronta” do material de pesquisa, pois sabemos que toda pesquisa arquivista nos leva a algo que não encontramos, que não desvendamos.

Para esse recurso de criar ou ter o manuscrito disponível, o poeta Max Martins fazia de seus rabiscos seu universo textual, seu espaço de criação, de depuração de idéias e de promoção do fazer artístico. Max matinha um vasto material de manuscritos, como documentos de redação, desenhos, esboços, rasuras, colagens, recortes de jornais e revistas, montagens diversas.

Queremos ressaltar que, mesmo dispondo do material de rascunho de origem, o que temos são as maiores possibilidades de invenção e criatividade. No entanto, não temos, de fato, o que de mais essencial constitui o fazer revelador de seu criador, que é o seu “toque criador” (SALLES apud Araújo Filho, 2000. p. 23). Para o trabalho de pesquisa em si, concordamos com a ausência do toque, porém não o consentimos como impedimento para a concretização do evento.

Percebemos que, em sua abrangência, os registros de manuscritos podem salvaguardar todo um conjunto de material de arquivo, como os recortes fotográficos, as colagens, os comentários, as comunidades de contatos, seus documentos necessários e outros. Para tal momento, os registros de manuscritos são de extrema utilidade, são os testemunhos que falam na ausência de seus autores.

### **Do manuscrito ao texto literário**

A prática desenvolvida já há algum tempo pela crítica genética nos traz agora uma leitura profunda sobre um outro olhar que seria melhor compreender os sistemas recorrentes sobre o texto literário. Segundo Hay (2003), foi percebendo os manuscritos em seus detalhes, seus conteúdos e abordagem com anos de aprendizagem e conquista, que se promoveu esse outro momento. Para o autor,

Foi preciso aprender a olhar um manuscrito, a decifrar seus sistemas concorrentes de signos, a decifrar traços, a compreender um sentido, a alcançar a literatura antes de ela se tornar texto, obra, domínio público. Assim, a literatura saiu dos arquivos e os pesquisadores abriram os olhos para este espaço onde a obra do escritor torna-se obra de arte (HAY apud SOUSA, 2003.p. 73).

É interessante perceber que todo esse processo de troca de conhecimento entre as ciências como os estudos da crítica genética e os estudos da Literatura, serviu para o necessário aprimoramento das discussões e para o reconhecimento desse trabalho que se voltou para a literatura. Em se tratando de crítica genética, o autor ainda considera o valor de registro do passado (em média trinta anos, desde o 1º Congresso Brasileiro de Crítica Genética, em 1979, Paris, França) e do futuro (o que será ao longo dos anos) como marcas referenciais entre um ponto e outro.

É importante considerar o uso e a forma de conservar o manuscrito, pois ocorreu todo um processo de perceber o seu uso como elemento de introspecção do texto literário. Hay

considera de suma importância o registro dos arquivos como fonte inspiradora para o nascimento das obras. Assim, esse registro é de especial teor para cada situação a partir de sua utilização e da forma diferenciada em que se deu em diferentes lugares e de maneiras diferentes. Segundo Hay,

A história dos arquivos é hoje um elemento constitutivo da pesquisa genética [...] para abordar o estudo de um manuscrito, é preciso começar por compreender o que significa sua presença sobre nossa mesa. [...] creio que o espírito humano será sempre curioso em compreender o nascimento das obras (*ibidem*. p. 80-81).

Dessa forma, entendemos que o registro de um escritor pode e deve ser percebido como algo que vai além de anotações simples. Deixam de ser rascunhos para serem escritos permanentes como “um amálgama, uma evidência e uma hipótese” (p. 79). A composição de uma obra literária deveria estar sempre pautada em seus manuscritos como elementos determinantes. Contudo, temos de considerar o que nos apresenta o mundo contemporâneo, o mundo da tecnologia com suas práticas, modalidades diferentes de registros, ou seja, o futuro revolucionando com seus instrumentos inovadores e chegando à obra literária.

Nesse momento, propomos uma pequena pausa para pensarmos no uso da tecnologia como um instrumento de substituição para o registro dos manuscritos. Assim, toda essa produção certamente estará sendo substituída pelos recursos tecnológicos que surgem para dar conta de novas necessidades as quais constituirão novos desafios. Por ora, ainda não estamos convencidos de que esse trabalho (da tecnologia) nos traga benefícios suficientes que possam suprir todas as nossas necessidades no sentido de nos amparar quanto aos nossos rascunhos-documentos. Contudo, percebemos que o contexto atual é outro, dispomos de novos recursos com instrumentos com grande avanço técnico-científicos, com maior aprimoramento, maior adequação aos meios no sentido de promover uma pesquisa mais evolutiva.

Outras possibilidades de uso e de conservação estão sendo percebidas e oportunizadas de várias formas e com igual vigor. O caráter da tecnologia é abrangente e revolucionário para a substituição do manuscrito. Os instrumentos da informática estão em cada lugar e momento nos superando com novidades que nos surpreendem, apesar de alguns momentos não nos atenderem de forma satisfatória. Segundo Hay, é interessante perceber quais serão os próximos passos da tecnologia. O que virá após a substituição do rascunho e seus efeitos sobre o arquivo dos escritores. São muitos os questionamentos que irão mediar “a evolução entre o papel e a tela. E, sobretudo, de que serão feitos os instrumentos informáticos do futuro (p.81)?” Como percebemos, são muitas as questões e poucas as respostas que temos.

A preocupação do autor está seguramente voltada para um futuro que, como sabemos, já está presente. O que caberá a cada profissional da arte e da tecnologia será o direito de decidir



sobre o que deseja fazer diante de seu próprio material produzido, pois percebemos outra ordem de entendimento das questões citadas que vai além de recursos e de tomadas de decisões particulares, implicando o poder social mais amplo e mais geral. Entendemos que tais condições vão além de controle particular de quem quer que seja, pois estamos diante de um impacto da revolução tecnológica e científica, com todos os seus instrumentos em evidência e colocando o homem em busca de superação de si mesmo em todos os seus aspectos.

Caberá a cada um definir sobre o que fazer de seus manuscritos (informatizados), quando e como disponibilizá-los para o público. A obra de arte seguirá sua trajetória independente de como poderá ser feito seu manuscrito. Hay (2003) ainda conclui que “o trabalho da crítica genética, caso continue a servir à literatura, será o de manter as portas abertas para que possamos entrar no universo da arte” (p. 81). O importante para nós, como defensores do uso do arquivo como um lugar ou espaço de pesquisa e informação, está em reconhecer que a literatura saiu dos arquivos, do estudo de seus manuscritos e de seus minuciosos detalhes sobre a composição de suas obras.

### **Arquivo: em um olhar contemporâneo**

Apresentamos, a partir deste momento, dados de uma visita ao Centro de Memória da Amazônia, ligada à Universidade Federal do Pará, o CMA<sup>5</sup> e a comprovação de atitudes possíveis quanto ao tratamento de conservação sem isolamento, sem deixar de ter contato e manuseio com o material de arquivo, postura atualmente desenvolvida por aquele Centro, dado o material destinado à memória de um povo: o arquivo.

O trabalho teve início no ano de 1970 quando 35 toneladas de papel, aproximadamente 2 km lineares, estavam destinadas ao fogo, para incineração. Eram materiais pertencentes ao Tribunal de Justiça do Estado desde os fins do século XVII (1870) e continham riqueza de documentação, de importantes movimentos acerca de homens e dos fatos que fizeram a nossa história. Estava composto o acervo cuja acomodação não havia um destino. Para os efeitos legais todo o material era considerado pelos próprios juizes de uma produção inativa, ou seja, sem função, sem utilidade e sem lugar onde pudesse ou precisasse ser guardado.

A disponibilidade do espaço fora resolvida. A Universidade Federal 6 resolveu “adotar” toda essa produção e a partir daí tornou-se responsável pela guarda desse “arquivo inativo” como

---

<sup>5</sup> CMA: Centro de Memória da Amazônia está localizado à Travessa Rui Barbosa, 491 - Reduto Belém - PA, 66053-260. (0xx)91 3252-2843. Documentos diversos, de natureza Cível ou Criminal, que compreendem desde fins do século XVIII até 1970 ficaram sob o risco de deterioração.

<sup>6</sup> UFPA; Universidade Federal do Pará assina com o Tribunal de Justiça do Estado em 06/02/2007 um convênio para criar uma infraestrutura para dar o suporte adequado para este acervo, sob a sua responsabilidade.

era denominado por todos aqueles que tinham algum contato quando se fazia necessário. Diante da situação, era necessário combater a “amnésia social”. A Universidade Federal do Pará passou a ter a guarda e posse de todo o acervo que seria “descartado” por não ter nenhuma utilidade diante da sociedade. O termo amnésia foi dado por eles (os funcionários) e utilizado por representar um processo de esquecimento dos fatos sociais em que a sociedade atual não teria interesse e nem poderia conhecer, mesmo em nível de pesquisa.

A convocação foi geral e imediata. Com o prédio comprado, a necessária reforma ocorreu juntamente com a transferência de todo o material disponível que agora se tornaria acervo principal. A denominação Centro de Memória foi ocasional e contemplou a função que definitivamente estava especificada, dado o trabalho que ali seria desenvolvido. Havia uma grande necessidade de adequação de recursos, de espaços e de produção de material investigativo a ser registrado e cuidado por representar algo de sigiloso e comprometedor diante da sociedade. O importante era tornar concreta a adequação e atualização do ambiente de forma integrada ao público local. O conhecimento sobre os fatos sociais e os estudos de aperfeiçoamento ajustados ao tipo de serviço que seria oferecido à população proporcionaram clareza e convicção sobre o manuseio de tudo o que ali fora colocado. O acervo contém dados de questões judiciais de toda a sociedade pertencente ao período do século XVIII até às proximidades de 1970.

Alguns processos já se efetivaram como fontes de destaques pela historiografia brasileira como os testamentos, inventários, ações de liberdade de escravos e casos de divórcio. Contudo, outros continuam desconhecidos pelos pesquisadores, ainda que tenham a mesma importância e o mesmo valor documental como instrumento que auxilia a investigação dinâmica na construção do passado.

A questão inicial (sobre arquivo como local ou espaço inanimado) é aqui retomada. Não mais para reafirmar esse momento, mas para dar início a uma percepção de um novo olhar para o arquivo: o que estamos denominando de “olhar contemporâneo”. Arquivo, um ambiente propício à integração, percebido no entendimento de que “não é o depósito de enunciados mortos, acumulados de maneira amorfa, como documentos do passado e reduzidos a testemunhos da identidade de uma cultura” (MIRANDA, 2003. p. 36).

Quanto à qualidade dessa produção, entendemos que deva ser ilimitada, bastante efetiva com o que realmente poderá ser produzido com esse novo olhar. Acreditamos em outras metodologias mais interativas ainda que seja de forma gradativa, porém, mudando posturas e promovendo o espaço em torno de todos os que procurarem o ambiente do arquivo. Fazer o melhor para o desempenho do arquivo deve ser prioridade da gestão que lhe cabe no momento de um comando, destinando meios para melhorar sua eficiência.

Entendemos que, arquivo deve ser o lugar ou espaço de viver em harmonia com o passado com uma real necessidade de um olhar mais sensível para o ambiente. Encontrar o que se procura em um ambiente favorável, bem estruturado, atualizado e com pessoas aprimoradas para o desempenho de funções, nada é mais do que merecem as informações ditas notícias ou fatos históricos que aguardam serem (re)lembradas na medida do possível em qualquer época ou tempo que seja. A concentração de esforços para manter o arquivo funcionando em paz com o mundo contemporâneo está aliada a um bom serviço de atendimento ao público, e resulta numa vantagem adicional ligada à competência do gestor e de seus fiéis escudeiros, ao lado da estrutura funcional do próprio ambiente.

Entre os serviços prestados ao público pelo CMA destacamos o “Documento do Mês” por entendermos que ocasiona grande interação com o público de maneira geral. Esse trabalho consiste num desmembramento de um tema de cada mês, o qual apresenta uma discussão atual no desenvolvimento de várias atividades em todos os ambientes do Centro de Memória. Podemos citar como temas discutidos para o mês de maio de 2012, o casamento. A temática sugere trazer convidados ilustres e autoridades, disponibilizando casos arquivados em tempos passados, crimes que foram praticados em função de valores da mulher, questões envolvendo comportamentos matrimoniais que geraram conflitos sociais e outros mais que reaproximam o passado com o olhar no futuro cuidando do presente.

Percebemos esse momento com relevância para a pesquisa documental e social, pois há sempre necessidade de entendermos a mudança de valores no meio de nossa sociedade. Mudanças estas de que nem sempre nos damos conta a partir de um contexto histórico-social. É importante considerarmos a relação da história do passado (fato) numa relação de valor (princípios, formação) com o presente. Esse presente em um sentido amplo, diversificado e conturbado, como vive a sociedade e seus atores sociais. A proposta desenvolvida pelo CMA discute várias questões que nos ajudam a entender não só o passado, mas o presente, no desejo de nos construirmos como sujeito de uma história social bem melhor e mais humana.

O que destacamos é o tratamento dado ao material de justiça atualmente disposto a um público que prestigia e desfruta de informações, que, nas pesquisas e nos documentos, encontram alguma justificativa dos comportamentos percebidos socialmente. É de grande valia sabermos que um dia tudo isso foi visto como um lixo sem importância social. Contudo, o melhor mesmo é sabermos que foi priorizado o bom senso e a consciência sensível do ser humano. Entendemos que tudo isso consiste num trabalho superatualizado, em que as informações são mantidas interligadas com a sociedade atual nem sempre de forma simples, pois requer um conjunto de

profissionais (estudiosos, docentes, pesquisadores, discentes, auxiliares) que se desdobram no que fazem.

Estas pessoas todas que trabalham no propósito de manter o espaço do arquivo atraente, vivo, sem cara de coisa morta, são elas, com seu compromisso, seu empenho, que buscam soluções para as inquietações vindas das dificuldades do cotidiano.

Retomamos Foucault quando nos diz que o arquivo está “longe de ser o que tudo unifica [...] longe de ser o que nos assegura existir no meio do discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria” (MIRANDA *apud* FOUCAULT 2003.p. 36). Concordamos que o arquivo tenha o discurso assegurado, mantido e a sua duração própria seja aquela que o tempo define enquanto aguarda novamente voltar à vida. Finalizamos com a sensação de ter conseguido apresentar uma imagem de como pensamos o funcionamento de um arquivo com um olhar contemporâneo. Ressaltamos a iniciativa e o desempenho dado pelo CMA como demonstração desse percurso. Dessa forma, acreditamos que seja possível desenvolver um trabalho voltado para as questões sociais atuais com seriedade e desprendimento, mas com avanço e conhecimento de visões futuras. Reconhecemos as dificuldades encontradas e todas as suas variáveis. Ainda assim, primamos pelas tomadas de iniciativas, na busca de parcerias inovadoras e desafiantes, em que se esboça a epifania de um novo significado, porque entendemos que tanto nós quanto os outros estamos sempre em construção.

### Referências

- ANDRADE, L. V. de; SALES, W. N. de. Pertencerá o futuro àqueles que tiverem memória. Disponível em <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20futuro%20a%20de%20pertencer%20aqueles%20que%20tiverem%20memoria.pdf>> . Acesso em 21/05/2012.
- FILHO, José M. K. A. de. **Para ter onde ir**. A transformação da Imagem e o Movimento da palavra na Poesia de Max Martins. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo. 2000.
- MIRANDA, Wander; SOUZA, E. M. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. <http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=3>, em 27 de agos 2012.
- <http://www.ilustrados.com/tema/5566/arquivo-arquivistica-evoluc-historica.html>; O arquivo e arquivística evolução histórica; Luis Reis. Acesso em 25 de agos de 2012.
- <http://www.ufpa.br/cma/quemsomos.html> acesso em 27 de agos de 2012.

**ABSTRACT:** This article shows a reread about the way of preservation of the environment of covering social-historical material, the called public archive, from the reading of some texts of the work “Literary Archives”, of Eneida Sousa and Wander Miranda (2003). The text shows information about the Central Archive of “Universidade Federal do Pará” (Federal University of Pará State) and the “Centro de Memória da Amazônia” (Amazon Memory Center) as institutions that propose themselves to a contemporary look about the environment of archive.

**KEYWORDS:** Archive; Reread; Tradition; Contemporary.